

Teologia: entre a “letra que mata” e o “espírito que vivifica”

Rodrigo Follis¹

Muitas epistemologias teológicas aceitas na atualidade foram produzidas na própria modernidade ou se utilizaram dos recursos argumentativos inerentes a tal período. Assim, é possível argumentar que ainda vivemos, em grande parte, uma religiosidade calcada em diversos pensamentos filosóficos provindos da modernidade.

Ao abordar o sentido do termo “modernidade”, Pierre Sanchis (1997) afirma que ela seria “a representação ideal do indivíduo portador de uma razão única, de uma decisão soberana, que se exerce nos quadros de uma lógica universal”. Assim, no auge da ciência moderna se delimitava a atitude científica à busca de conhecimentos de leis e princípios que regessem a realidade. Sendo que por realidade se entendia algo estático, determinado, mecânico e regulado por leis fixas (vemos tal realidade, por exemplo, na doutrina positivista). Um conhecimento baseado na formulação de leis, tem como pressuposto a noção de ordem e de estabilidade do mundo, de que o passado se repete no futuro (SANTOS, 1999, p. 17; ver 2000).

Alguns autores chegam a afirmar que a exacerbação de tal pensamento foi uma das causadoras da atual fragmentação do modernismo. Assim, a desilusão humana com as promessas da era da razão e da ciência teriam sido enormes. Para exemplificar, podem ser citadas a “urbanização extremamente desumanizante, a monstruosa desigualdade social, a indústria de morte de armas e das drogas, a construção de campos de concentração, a confecção e explosão das bombas atômicas” (LIBÂNIO, 1998, p. 62).

¹ Doutorando em Ciências da Religião e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Editor-associado da revista *Kerygma* e professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br

Afinal, a ciência [moderna] não fornece as respostas que a maioria de nós exige. Sua história a respeito de nossas origens e nosso fim é, no mínimo, insatisfatória. Para a pergunta: “Como tudo começou?”, a ciência responde: “Talvez por acidente”. Para a pergunta: “Como tudo terminará?”, a ciência responde: “Talvez por acidente”. E para muitas pessoas, a vida acidental não vale a pena ser vivida (POSTMAN, 1994, p. 168).

Por um lado, a modernidade trouxe grandes avanços ao tentar melhorar o mundo a nossa volta, através de uma iluminação e da busca racional por evidências que dessem sentido a existência humana. E isso foi aceito como forma de afirmar ou mesmo combater a ortodoxia teológica. Sobre isto, Leonildo Campos (2008) aponta a tensão entre “a letra que mata” e o “espírito que vivifica”, que ficou como marca principal de vários reavivamentos religiosos, como o “surgimento do pietismo alemão, do avivalismo inglês e norte-americano e, no início do século XX, da explosão do Pentecostalismo”. Assim, ele nos lembra das tensões já apontadas por Mendonça (2008, p. 78), quando afirma a existência de conflitos ligados, de um lado, a uma racionalidade defendida por grupos mais ortodoxos, e de outro, a um misticismo emocional provindo de diversos novos grupos.

8

Não parece metodologicamente coerente esquecer de que, cada vez mais, a sociedade se abre para uma religião e uma vida regida pela lógica da emoção e do entretenimento, e que isso tem relação direta na construção de muitas das teologias contemporâneas (ver BERGER; ZIJDERVELD, 2012). Entretanto, parece ser preciso reafirmar que dependemos de vários preceitos da ciência modernista, ou seja, da suposta “letra que mata”. Ela ainda perpassa todas as produções ditas acadêmicas, encontradas não apenas na presente edição da revista *Kerygma*, mas em todo o fazer da ciência. Afinal, toda discussão provinda da academia sempre se relaciona às “letras” teóricas, que objetivam encontrar as “leis fixas” que esclarecerão nossa realidade e sociedade.

Sem sombra de dúvidas a presente edição da *Kerygma* faz parte dessa realidade. Ao se buscar que padrão pode ser encontrado nas cartas paulinas acerca do uso da palavra grega *Pneuma*, estamos fazendo ciência ao estilo modernista. Na discussão epistemológica para se entender corretamente os meios de interpretação bíblica, estamos em uma discussão calcada também no modernismo e em sua forma de ver e estudar o mundo. E isso ocorrerá em todos os demais artigos, seja na relação sobre os 144 mil de Apocalipse, no entendimento dos textos bíblicos de Lucas, na relação histórica acerca da

apostasia do pastor adventista Conrad, no uso da disciplina eclesial ou na resenha de um artigo apologético. Todas essas discussões podem ter seus distanciamentos do modernismo, mas paradoxalmente o fazem estando dentro desse processo científico.

Baseado nisso, alguns acusam a Teologia como sendo a personificação da “letra que mata” e, portanto, seria preciso evitá-la na busca por uma verdadeira comunhão com a divindade. Entretanto, isso não nos parece coerente. Não estamos aqui para condenar a ciência moderna nem o seu método racionalista, mesmo à luz das diversas consequências ruins ou, no mínimo, estéreis produzidas em seu nome. Também não acreditamos que recusar ou abraçar cegamente um reavivamento emocionalista venha a ser a melhor solução. Como contraponto, parece interessante a proposta acerca do “‘pensamento liminar’, como defendida por Mignolo (2003). Esse tipo de pensamento serviria para “obter ou recuperar o direito de ser”. Ou seja, seria

uma maneira de pensar que não seja inspirada em suas próprias limitações e que não pretenda dominar e humilhar; uma maneira de pensar que seja universalmente marginal fragmentária e aberta; e, como tal, uma maneira de pensar que, por ser universalmente marginal e fragmentária, não seja etnocida (MIGNOLO, 2003, p. 235).

9

Dadas essas considerações, é coerente acreditar na busca por uma Teologia que una o melhor desses dois mundos: o da letra e o do espírito. Construindo, assim, uma tensão hegemônica paradoxal, ao mesmo tempo em que busca utilizar um método lógico-racionalista como forma de interpretar a realidade e a história, também nos coloca abertos a um aceite emocional e mais humano de tal realidade, sendo este o objetivo de toda a produção científica (FOLLIS, 2012). Com isso, nosso objetivo deixa de ser encontrar uma mera resposta e passa a ser o de mudar e melhorar vidas humanas. Ellen G. White (2007, p. 309) ilustra como poderia ser essa união. Torcermos para que tal pensamento seja um guia para a construção teológica que continuaremos a produzir na academia.

O maior dos enganos do espírito humano, nos dias de Cristo, era que um mero assentimento à verdade constituísse justiça. Em toda experiência humana, o conhecimento teórico da verdade se tem demonstrado insuficiente para a salvação da alma. Não produz os frutos de justiça. Uma cuidadosa consideração pelo

que é classificado verdade teológica, acompanha frequentemente o ódio pela verdade genuína, segundo se manifesta na vida. Os mais tristes capítulos da História acham-se repletos do registro de crimes cometidos por fanáticos adeptos de religiões. Os fariseus pretendiam ser filhos de Abraão, e vangloriavam-se de possuir os oráculos de Deus; todavia, essas vantagens não os preservavam do egoísmo, da malignidade, da ganância e da mais baixa hipocrisia. Julgavam-se os maiores religiosos do mundo, mas sua chamada ortodoxia os levou a crucificar o Senhor da glória. O mesmo perigo existe ainda. Muitos se têm na conta de cristãos, simplesmente porque concordam com certos dogmas teológicos. Não introduziram, porém, a verdade na vida prática. Não creram nela nem a amaram; não receberam, portanto, o poder e a graça que advêm mediante a santificação da verdade.

Referências

10

BERGER, P.; ZIJDERVELD, A. **Em favor da dúvida**: como ter convicções sem se tornar um fanático. São Paulo: Elsevier, 2012.

CAMPOS, L. S. "Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos". **Rever - Revista de Estudos da Religião**, nº 3: 1-26, 2008. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf. Acesso em 25/12/2012.

FOLLIS, R. Teologia e Marxismo: em busca de pontes de esperança. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 8, n. 2, p. 7-9, 2o sem. de 2012.

LIBÂNIO, J. B. O sagrado na pós-modernidade. In: CALIMAN, C. (org.). **A sedução do sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MEDONÇA, A. G. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais, projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

POSTMAN, N. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

SANCHIS, P. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, A.; STEIL, C. (Orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: UFRGS, 1997.

SANTOS, B. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Um discurso sobre a ciência**. Porto-Portugal: Edições Afrontamento, 1999.

WHITE, E. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: CPB, 2007.